

Mais hospitais do que leitos no Brasil

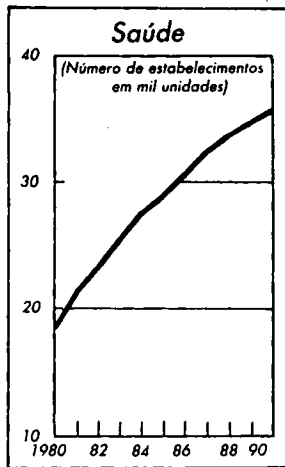
por Vera Saavedra Durão
do Rio

Os hospitais da rede pública no Brasil não possuem nem um leito por mil habitantes para fins de internação, ficando bem aquém do padrão da Organização Mundial de Saúde (OMS) para os países em desenvolvimento, de três leitos por mil habitantes.

O indicador divulgado ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), levantado em sua pesquisa sobre Assistência Médico-Sanitária no Brasil nos últimos onze anos, revela a precariedade do setor-saúde no país, considerou Lilibeth Cardoso Roballo Ferreira, gerente da área de saúde e nutrição do IBGE.

O número de leitos para internação nos estabelecimentos de saúde do governo foram declinando a partir de 1980, quando ofereciam 1,03 leito por mil habitantes, passando para 1,00 leito por mil habitantes em 1984 e chegando a dispor de 0,87 leito por mil habitantes em 1990.

A pesquisa do IBGE informa ter quase dobrado o número de estabelecimentos de saúde no Brasil, nos últimos onze anos, quando pularam de 18,8 mil em 1980, para 35,7 mil em 1990. Desse total, 23,8 mil são do setor público e 11,8 mil, particulares. O número de leitos disponíveis teve, porém, crescimento bastante reduzido, especialmente no setor público, como desta-



ca a pesquisa oficial: de 122 mil para 124 mil. No setor privado, a oferta de leitos pulou de 386 mil em 1980, para 408 mil leitos em 1990.

OFERTA PRECÁRIA

A rede hospitalar brasileira, composta por 6.532 hospitais, dos quais 1.377 são públicos e 5.155 particulares, começa a década de 90 com uma disponibilidade de apenas 532 mil leitos para internação, destinados a uma população de 146 milhões de habitantes. "Há uma superdemanda para uma oferta cada vez mais precária", observou a gerente do IBGE.

Outro agravante na precária oferta de leitos, lembra Lilibeth Ferreira, é que a maior parte dessa oferta acontece nos hospitais particulares (408 mil leitos), aos quais a maioria da população não tem acesso,

dado seu baixo poder aquisitivo.

A pesquisa do IBGE revela ainda estarem os hospitais particulares concentrados no eixo Rio-São Paulo: 32% dos estabelecimentos de saúde privados estão instalados nessa área, onde residem 36,3 milhões de pessoas. No Nordeste, onde moram 34,8 milhões, estão funcionando 23% dos estabelecimentos particulares de saúde.

CONSULTAS

De 1985 a 1987, o número de consultas médicas nos estabelecimentos de saúde era dividido entre setores público e privado. A partir de 1988, o setor público começou a ter o predomínio dessas consultas, como descobriu a pesquisa do IBGE. Em 1988, o setor público procedeu a 1,31 consulta médica por habitantes, ante 1,06 do setor privado. Em 1989, a relação foi de

1,10 consulta médica por habitantes para o setor público e 0,95 para o particular e, em 1990, 1,14 para o público e 1,01 para o particular.

Mas, o desequilíbrio regional funciona também nesta variável, como chamou atenção a pesquisadora. O estudo do IBGE informa que no final dos anos 80 a população do Sudeste teve o dobro das consultas realizadas nos ambulatórios públicos e cinco vezes mais nos consultórios particulares, quando comparadas com a região Norte. No Sudeste, 1,40 consultas médicas por habitantes foram ministradas pelo setor público, ante 1,5 pelo setor de saúde privado, enquanto no Nordeste, 0,72 consultas foram efetuadas por habitante na rede pública e 0,55 na privada.

CLIMA — Um anticiclone polar que chegou ontem ao Paraná, procedente da Argentina, provocou a temperatura mais baixa do ano em Curitiba. A máxima registrada foi de 10 graus Celsius e a mínima, de um grau. Geou em praticamente todo o estado, informou a Agência Brasil. Em Palmas, os termômetros marcaram três graus e seis décimos negativos, registrando também o dia mais frio desse inverno. Em Cascavel, a mínima de hoje foi de um grau, e quatro décimos negativos.